

atrás das redes
série vancouver storm | livro 1
stephanie archer

Tradução de Célia Correia Loureiro

Para o Bryan, a Alanna, a Sarah, a Helen e a Anthea,
que são quem aplaude mais alto quando venço

Avisos de conteúdo

Alguns pormenores do mundo do hóquei profissional foram ajustados para tornar a leitura mais agradável.

Para consultar os avisos de conteúdo deste livro,
leia o código QR abaixo
ou visite stephaniearcherauthor.com/content-warnings



Capítulo 1

Jamie

O extremo esquerdo patina em direção à rede e lança-me o disco. Ouve-se o baque do disco na minha luva e o meu sangue inflama-se de competição e satisfação.

— Streicher, baliza a zeros — diz o meu novo colega de equipa ao passar, e eu atiro o disco para o gelo com um rápido aceno de cabeça. Os adeptos em Nova Iorque costumavam cantar isso durante os jogos. Quando ganhei o Troféu Vezina o ano passado, atribuído ao melhor guarda-redes da NHL, fizeram referência a isso no discurso a respeito da minha prestação.

Perto do banco, os treinadores observam, tomam notas e discutem o desempenho da equipa. Um disco passa por mim e eu sinto as entranhas a apertarem-se. O treinador principal fita-me por um instante, com uma expressão indiscernível.

Há duas semanas, assinei contrato, como jogador livre, abaixo do meu valor para poder jogar nos Vancouver Storm. Depois do ataque de pânico que provocou o seu acidente de viação, a minha mãe insistiu que estava bem, mas eu sei que, se ela o escondeu de mim, é porque deve estar a piorar. Agora que a equipa me contratou por um preço inferior, sou uma mais-valia. Poderiam trocar-me por mais dinheiro e eu não teria nada a dizer sobre o assunto. Sou como uma casa que eles conseguiram por um bom preço e, se decidirem comprar uma melhor, vendem-me.

A preocupação corre-me nas veias. Há anos que a minha mãe lida com a depressão e a ansiedade, desde que o meu pai morreu num acidente de viação provocado pelo álcool quando eu era bebé, mas, por eu não estar atento, tudo isso se transformou em algo muito pior.

Sair de Vancouver está fora de questão, e eu não vou desistir do desporto

que adoro, por isso esta época tem de correr bem. Preciso de dar o meu melhor e de manter o meu estatuto de topo para que não me troquem. Este ano, preciso de estar concentrado.

Os jogadores fazem exercícios à medida que o treino prossegue, e eu passo em revista o que sei sobre eles de jogos anteriores. Já joguei contra os Vancouver Storm no passado e reconheço as suas caras, mas não conheço estes tipos como conhecia a minha antiga equipa. Joguei por Nova Iorque durante sete anos, desde os dezanove. Não conheço estes treinadores e esta cidade não me faz sentir em casa desde que fui para os juniores, mas Vancouver é onde tenho de estar agora.

Sinto um aperto no peito. É apenas o primeiro dia de treinos, mas nunca senti tanta pressão para dar o meu melhor.

O apito soa e eu patino em direção ao banco com os outros jogadores.

— Estão em alta, rapazes — diz o treinador, quando nos juntamos à volta do banco.

No final da época passada, uma das piores da história do Storm, o Tate Ward saiu em várias manchetes depois de ser anunciado como o novo treinador principal. O tipo tem trinta e poucos anos, não é muito mais velho do que alguns dos jogadores do Vancouver, e teve uma carreira promissora como avançado na liga até que uma lesão no joelho lhe pôs um ponto final. Foi treinador de hóquei universitário até ao ano passado e, pelo que li nas notícias sobre hóquei, os adeptos estão céticos. Normalmente, os treinadores principais são mais velhos, com mais experiência nos treinos a nível profissional.

O Ward olha para mim e eu cerro o maxilar por baixo da máscara de guarda-redes.

— Temos muito trabalho a fazer nas próximas épocas — diz, observando o grupo de jogadores. — Acabámos o ano passado quase no fundo da tabela.

O ar parece pesado quando os jogadores se deslocam nos seus patins, a prepararem-se. Esta é a altura em que muitos treinadores apontam as falhas e fraquezas dos jogadores. O que a equipa fez de errado no ano anterior. É quando nos dizem que perder está fora de questão.

Como se eu não soubesse.

— De modo que só nos resta subir na tabela — diz o Ward em vez disso, mostrando-nos um sorriso rasgado. — Vão para os duches e descansem. Até amanhã.

Os jogadores saem do gelo e eu tiro a máscara com uma careta. Tenho a certeza de que esta fachada agradável e solidária do Ward vai acabar assim que a época começar e a pressão se tornar real, dentro de algumas semanas.

— Streicher — chama o Ward quando me dirijo para o balneário. Ele aproxima-se e espera enquanto os restantes jogadores se dirigem para o corredor, acenando-lhes com a cabeça em sinal de reconhecimento. — Como é que te estás a ambientar?

Assinto com a cabeça.

— Bem. — O meu apartamento está cheio de caixas que não tenho tempo para desempacotar. — Obrigado, uh, por terem tratado do apartamento. E pelos homens das mudanças.

A tensão acumula-se nos músculos dos meus ombros e eu passo uma mão pelo cabelo. Detesto aceitar a ajuda de terceiros.

O Ward acena com a mão como se não fosse importante.

— O nosso trabalho é ajudar os jogadores a adaptarem-se. Na verdade, muitos jogadores pedem um assistente. Podem ajudar a desfazer as malas, preparar as refeições, mandar arranjar o carro, passear o cão, o que for preciso.

— Não tenho um cão.

Ele ri-se.

— Tu entendes o que quero dizer. Estamos aqui para te dar tudo o que precisares para que possas concentrar-te no gelo. Se precisares de alguma coisa, é só dizeres.

Não preciso de ajuda para me concentrar no gelo. Reduzi a minha vida às duas coisas que importam: o hóquei e a minha mãe.

— Com certeza — digo eu, sabendo perfeitamente que não vou pedir nada.

Sempre fui o tipo que toma conta de si próprio. Isso não vai mudar.

O Ward baixa o tom de voz.

— Se a tua mãe precisar de alguma coisa, nós também podemos dar uma ajuda.

Quando pedi transferência para Vancouver, foi ele que me telefonou a perguntar porquê. Eu contei-lhe tudo. Ele é o único que sabe da minha mãe.

A ansiedade dispara em mim, e era por isso que eu não devia ter aberto a porra da boca. Agora as pessoas querem interferir. Todos os instintos do meu corpo se agitam e os meus ombros ficam tensos.

O meu calendário vai ser extenuante este ano. Oitenta e dois jogos, metade em casa, em Vancouver, e metade fora, com treinos da equipa, treinos com o treinador de guarda-redes e os meus próprios treinos. Para além disso, terei sessões com o fisioterapeuta, massagista, psicólogo desportivo e treinador pessoal.

Algo se agita no meu peito, uma mistura de competição e antecipação. Desde os cinco anos de idade que participo em competições de hóquei, e eu adoro desafios. A pressão alimenta-me. Os anos de treino transformaram-me numa pessoa que adora ultrapassar os próprios limites e vencer.

Este ano? Entre a teimosia da minha mãe e a intensidade do meu horário? Vai ser um desafio do caraças.

Mas não há nada que eu não consiga resolver, desde que me mantenha focado.

— Estamos bem — respondo, com firmeza. — Obrigado.

Sempre fui só eu e a minha mãe. Tenho tudo sob controlo. Sempre tive.

Depois de tomar duche e mudar de roupa, saio do recinto para almoçar e vou para casa dormir uma sesta antes de ir para o ginásio. Estou a atravessar um beco entre o pavilhão e a rua quando um ruído junto aos contentores do lixo me detém.

O rabo de uma cadela castanha e fofa está a sair de uma caixa. Quando passo por ela, levanta a cabeça acima da caixa e olha para mim. Tem massa e queijo por todo o focinho.

A cadela abana-me a cauda e eu fito-a de volta. Tem olhos de um castanho escuro, brilhantes de excitação. É difícil identificar a sua raça. Terá entre dezoito e vinte e dois quilos, talvez uma mistura entre um labrador e um *spaniel*. Uma das orelhas é mais curta do que a outra.

A cadela dá um passo em frente e eu dou um passo atrás.

— Nem pensar — digo-lhe eu.

A cadela atira-se para o chão, rebola para expor a barriga e espera, com a cauda a oscilar para trás e para a frente sobre a calçada enquanto pede festas na barriga.

Onde andarás o teu dono? Percorro o beco com o olhar, mas estamos sozinhos. Franzo o nariz enquanto a observo. Não tem coleira e, por entre a massa, tem o focinho sujo e gorduroso. O pelo é demasiado comprido, cai-lhe sobre os olhos e, apesar de precisar de o cortar, vejo como está magra.

Tenho uma sensação de aperto no peito que não me agrada.

— Não comas isso — digo-lhe, franzindo o sobrolho enquanto aceino com a cabeça em direção ao lixo. — Vais ficar doente. — A sua língua cor-de-rosa salta-lhe para o canto da boca. — Vai para casa.

As minhas palavras saem com aspereza, mas ela continua à espera de festas na barriga.

O meu coração aperta-se, mas eu afasto os sentimentos. *Não*. Não é problema meu. Não gosto de distrações. Nem sequer namoro, por amor de Deus, porque sei por experiência própria que as pessoas querem mais do que eu lhes posso dar.

Mas não a consigo deixar aqui. Ela pode ser atropelada por um carro ou ferida por um coioote. Pode comer algo que a ponha doente.

As associações de proteção dos animais devem acolhê-la. Pego no telemóvel e, depois de uma pesquisa no *Google*, ligo para a mais próxima.

— Há uma cadela atrás do pavilhão na baixa — digo à mulher que atende. Só há um pavilhão na baixa de Vancouver, por isso ela saberá de onde estou a falar. Há cães a ladrar ao fundo, do seu lado da linha. — Alguém pode vir buscá-la?

A mulher ri-se.

— Querido, estamos com falta de pessoal. Terá de a deixar num dos nossos abrigos.

Antes de desligar, ela indica os sítios onde estão a aceitar cães. Os locais mais próximos estão todos cheios, por isso vou ter de conduzir um par de horas para fora da cidade para a levar. Fico a olhar para o telefone, de sobranças franzidas, antes de olhar para a cadela.

Ela põe-se de pé, ainda a olhar para mim, a sacudir a cauda. É como se achasse que vou dar-lhe uma guloseima ou algo do género. Sinto um aperto irritante no peito.

— O que foi? — pergunto à cadela, e a sua cauda abana com mais intensidade. Algo amolece no meu peito, e eu engulo com a garganta seca.

Não a posso deixar aqui.

No fundo do meu cérebro, o meu lado rigoroso e disciplinado está a fazer pouco de mim. E o meu horário louco? Não consigo lidar com o raio de um cão. Nem sequer consigo ter uma namorada sem estragar tudo. De certeza que não consigo tomar conta de um cão. Passo metade da época a viajar.

Mas não a posso deixar aqui.

A cauda dela está a abanar outra vez e ela olha para mim com aqueles olhos castanhos. Eu levo-a para um abrigo, mas não vou ficar com ela.

Nessa noite, estou sentado no carro à porta do abrigo, a olhar para o edifício pequeno mas bem conservado. Ouço latidos vindos do interior. Há um terreno vedado ao lado do edifício com brinquedos para cães e alguns equipamentos de plástico, como num parque infantil.

No banco do passageiro, a cadela olha pela janela, curiosa. Abro a janela e deixo-a cheirar.

Depois de procurar anúncios de cães perdidos na *internet*, encontrei uma quinta muito bem classificada que acolhe cães vadios e lhes encontra novos donos. Os donos são cuidadosamente examinados e os cães são bem tratados.

Este é o melhor abrigo que consegui encontrar. Conduzi durante três horas para aqui chegar.

O meu olhar percorre o local e volto a engolir para desfazer o nó na minha garganta. Imagino-me a deixá-la aqui e forma-se um peso nas minhas entranhas.

A cadela olha para mim e arfa, com a língua de fora.

— Não posso ficar contigo — digo-lhe.

Ela levanta-se e tenta subir para o meu colo, e eu suspiro. Esteve sempre a tentar fazer isso enquanto eu conduzia. Esgueira-se para o meu colo e pousa a cabeça no apoio de braços.

Porra. Se eu soubesse como seria difícil, nem sequer a teria trazido.

É mentira. Nem pensar que a ia deixar num beco sujo.

Enumero as razões pelas quais não posso ficar com ela. Nunca tive um cão. Não faço ideia de como cuidar de um. A minha mãe está a lidar com sérios problemas de saúde mental e precisa de mim, quer o admita ou não. Preciso de me concentrar no hóquei. Desde que eu e a Erin, a minha ex, acabámos a relação, quando eu tinha dezanove anos, não voltei a assumir compromissos. Esta cadela é um grande compromisso, e eu teria de ajustar o meu horário, desde já exigente, em função dela.

E, no entanto, a hesitação surge em mim. Observo o edifício, à procura de defeitos. Há algumas ervas daninhas no jardim. A vedação exterior precisa de uma nova pintura. No campo, há alguns buracos que provavelmente foram escavados por cães. Não consigo lidar com um cão, mas não a posso deixar aqui.

Este sítio não está à sua altura.

Esfrego a cana do nariz, consciente de que já tomei uma decisão. Merda.

— Ei. — Ela levanta a cabeça e olha para mim, com os olhos brilhantes.

O meu coração aperta-se.

— Queres viver comigo? — pergunto-lhe, e ela continua a olhar para mim com aquele olhar fofinho. — Oh. Queres uma guloseima.

Ela levanta-se e salta do meu colo para o banco do passageiro, à espera. Viro-me para o banco de trás e abro o saco de guloseimas que comprei para ela, dou-lhe algumas e reparo no modo como as tritura.

A minha decisão está tomada e ignoro a vozinha na minha cabeça que me diz que não é boa ideia. Vejo a cadela enroscar-se numa bola no banco do passageiro e adormecer. Tenho dinheiro para contratar um assistente este ano e ela vai ser bem tratada.

No telemóvel, percorro os meus contactos até encontrar a pessoa que procuro.

— Streicher — responde o Ward.

— Oi. — Esfrego o maxilar enquanto aquele mau pressentimento me revolve de novo as entranhas. — Mudei de ideias. Vou precisar de um assistente.

Capítulo 2

Pippa

Sinto o coração a martelar quando me vejo diante da porta do prédio do Jamie Streicher.

A última vez que o vi pessoalmente, eu tinha acabado de entornar um *Slurpee* azul na minha *t-shirt* branca no refeitório do liceu. Na minha mente, recordo o seu olhar frio e desinteressado, os olhos verdes a olharem-me brevemente antes de voltar à sua conversa com o resto dos atletas populares e atraentes.

Agora vou ser sua assistente.

Ele sempre foi um imbecil, mas, Deus, já nessa época ele era mesmo lindo. Cabelo escuro e espesso, sempre um pouco despenteado por ter estado a jogar hóquei. Um maxilar acentuado, nariz forte. Ombros largos e fortes, e alto. *Muito alto*. Pestanas injustamente escuras. Ele nunca passou por aquela fase de adolescente desajeitado que parece ter atravessado toda a minha adolescência. A sua atitude silenciosa, intimidante e mal-humorada tanto me enervava como me fascinava, bem como a todas as outras raparigas e metade dos rapazes da escola.

Oh, meu Deus. Respiro fundo e introduzo o número no teclado do lado de fora. Ele abre sem responder. No elevador, o meu estômago dá voltas a caminho da *penthouse*.

Já não sou a rapariga esquisita que pertencia a uma banda. Sou uma mulher adulta. Já passaram oito anos. Já não tenho uma paixoneta de adolescente por ele.

Preciso deste emprego. Estou falida e a dormir no sofá da minha irmã. Despedi-me do meu emprego horrível no *Barry's Hot Dog Hut* sem aviso prévio ao fim de uma semana. Mesmo que quisesse voltar — coisa que não quero,

só aceitei aquele emprego como uma forma de emergência para pagar as contas e ajudar a Hazel com a renda —, eles nunca iriam voltar a contratar-me.

Além disso, é impossível que ele se lembre de mim. O nosso liceu era enorme. Eu era a rapariga da música, sempre com os miúdos da banda, e ele era um jogador de hóquei atraente. Sou dois anos mais nova, por isso nem sequer tínhamos aulas juntos ou amigos em comum. Ele é um dos melhores guarda-redes da NHL, tem o aspeto de um deus. O facto de ele ser conhecido por não ter relações parece tornar as pessoas ainda mais ávidas. No ano passado, alguém lhe atirou umas cuecas para o gelo — falou-se disso em todos os comentários desportivos.

Ele não se vai lembrar de mim.

Vejo o número subir à medida que me aproximo do seu andar.

Ele vai estar ocupado com os treinos e a formação. Não o vou ver.

E eu preciso mesmo, mesmo, deste emprego. Estou farta da indústria musical e dos idiotas que a constituem. Estudei *Marketing* e está na altura de seguir esse caminho. Os únicos anúncios de emprego em Vancouver na área de *marketing* exigem pelo menos cinco anos de experiência, por isso nem sequer iriam considerar-me. Segundo a Hazel, minha irmã, que trabalha como fisioterapeuta para os Vancouver Storm, vai abrir brevemente uma vaga de *marketing* na equipa. Eles preferem contratações internas, disse ela.

Este trabalho de assistente é a minha porta de entrada. É temporário. Se conseguir provar o meu valor neste trabalho, estarei um passo mais próxima da vaga de *marketing* na equipa.

O elevador abre-se no último andar e eu dirijo-me para a porta dele, a respirar fundo para me acalmar. Não funciona, e o meu coração bate contra a parede frontal do meu peito.

Preciso deste emprego, recordo a mim própria.

Eu bato, a porta abre-se e a minha pulsação atrapalha-se como se tivesse bebido demasiada sidra barata.

Ele é muito mais giro em adulto. E em pessoa? Chega a ser injusto.

A sua estrutura preenche a soleira da porta. É trinta centímetros mais alto do que eu e, mesmo debaixo da camisola de manga comprida de treino, o seu corpo é perfeito. O tecido fino estica-se sobre os seus ombros largos. Estou vagamente consciente de um cão a ladrar e a correr pelo apartamento atrás dele, mas o meu olhar segue o seu movimento enquanto ele apoia uma mão na ombreira da porta. As mangas estão arregaçadas, e o meu olhar detém-se no seu antebraço.

Os antebraços do Jamie Streicher podiam engravidar uma mulher.

Estou a olhar fixamente. Ergo os olhos para o rosto dele.

Argh. O meu estômago afunda-se. Aquela paixoneta de adolescente que tive há anos volta a entrar na minha vida como um cometa, enche-me de vibrações estranhas. Os seus olhos continuam a ser do verde mais rico e profundo, como todos os tons de uma floresta antiga. O meu estômago dá uma cambalhota.

— Olá — sopro, antes de aclarar a garganta. A minha cara arde. — Olá. — A minha voz é mais forte desta vez, e eu enceno um sorriso cintilante. — Sou a Pippa, a tua nova assistente. — Passo uma mão no meu rabo de cavalo.

Há um momento em que as suas feições ficam ilegíveis antes de o olhar se aguçar e a expressão passar a transmitir reprovação.

Os meus pensamentos espalham-se no ar como confetes. Palavras? Não conheço nenhuma. Não conseguiria sequer dizer uma. O cabelo dele é espesso, curto e ligeiramente ondulado. Húmido, como se tivesse acabado de sair do duche, e eu quero passar os dedos por ele.

O seu olhar demora-se em mim, tornando-se mais hostil a cada segundo, antes de suspirar como se eu o estivesse a incomodar. Era assim que ele se mostrava no liceu — mal-humorado, irritado, rabugento. Não que alguma vez tenhamos interagido.

— Fantástico. — Ele diz a palavra como uma maldição, como se eu fosse a última pessoa que ele quisesse ver. Vira-se e entra no apartamento.

Eu sabia que ele não se ia lembrar de mim.

Contenho uma gargalhada sem humor, de embaraço e despeito. Não sei porque estou surpreendida com a atitude dele. Se aprendi uma coisa com o meu ex, o Zach, e a sua equipa, é que as pessoas famosas e deslumbrantes podem ser uns autênticos idiotas. O mundo permite que assim seja.

Não é diferente com o Jamie Streicher.

Entendo a porta aberta como um sinal para o seguir. A cadela corre para os meus pés e salta para cima de mim. Tem uma coleira cor-de-rosa e eu adoro-a instantaneamente.

— Para baixo — ordena ele, com uma voz severa que me deixa a nuca arrepiada. A cadela ignora-o, salta para as minhas pernas e abana a cauda com força.

— Olá, cadelinha. — Agacho-me e rio-me quando ela tenta dar-me beijos.

Está cheia de energia rebelde e brincalhona, e faz uns movimentos saltitantes com as patas enquanto a cauda abana com tanta força que podia cair. Sacode o rabo de uma forma muito engraçada quando a coço logo acima da cauda.

Estou apaixonada.

O Jamie aclara a garganta, com desagrado. O embaraço agita-se no meu peito, mas afasto-o. Estou aqui para o ajudar com a cadela; o que se passa com ele? Quando me endireito, sinto a cara quente.

E o apartamento? É um dos sítios mais bonitos em que alguma vez estive. É um dos sítios mais bonitos que alguma vez *vi*. As janelas do chão ao teto abrangem dois andares e têm vista para a água e para as montanhas da Margem Norte, enchendo de luz a sala de estar e a cozinha aberta. Esta é cintilante e espaçosa e, embora a sala de estar esteja cheia de caixas de mudanças e brinquedos para cão, o sofá enorme em módulos parece mesmo confortável e acolhedor. Há escadas, que presumo que levem aos quartos. Através das janelas, consigo ver a parte norte de Vancouver e as montanhas. Mesmo num dia de tempestade, no pico do inverno chuvoso e sombrio de Vancouver, a vista será espetacular.

Aposto que esta casa tem uma banheira enorme.

— Como é que ela se chama? — pergunto ao Jamie, enquanto faço festas à cadela. Ela está encostada a mim, claramente a adorar a atenção.

O maxilar dele fica tenso e a forma como olha para mim revira-me o estômago. Os seus olhos verdes parecem tão aguçados e penetrantes que me pergunto se este tipo alguma vez sorriu.

— Não sei.

No chão, perto do sofá, há uma cama de cão gigante e fofa e há uma centena de brinquedos coloridos espalhados pela sala de estar. No chão da cozinha encontra-se uma tigela de água e uma tigela de comida vazia e, no balcão, está um saco gigante de guloseimas, meio vazio. A cadela corre para um dos brinquedos antes de o levar até aos pés do Jamie e olhar para ele, a abanar a cauda.

— Tenho de ir para o pavilhão, portanto vamos despachar isto — diz o Jamie, como se eu o estivesse a fazer perder tempo. Ele passa por mim e, à medida que passa, o seu cheiro sobe-me ao nariz.

Fico praticamente vesga. Ele tem um aroma incrível. É aquela fragrância impossível de identificar dos desodorizantes masculinos — forte, condimentada, ousada, fresca e limpa, tudo ao mesmo tempo. É provável que a fragrância se chame Avalancha ou Furacão, ou qualquer coisa poderosa e imparável. Apetece-me enfiar a cara na camisola dele e inspirar. Se calhar, até desmaiava.

Enquanto ele se movimenta pela cozinha, mostrando-me onde está a comida da cadela, fico impressionada com a forma como se move com força e graciosidade. Os músculos das costas ondulam por baixo da *t-shirt* de mangas compridas. Os ombros são mesmo largos. E é tão, tão alto.

Apercebi-me de que ele ainda nem sequer se apresentou. É uma coisa que os famosos costumavam fazer na digressão do Zach, quando iam até aos bastidores, como se estivessem à espera de que soubéssemos quem eram.

— A nossa comunicação será toda através de *e-mail* ou mensagens — diz o Jamie. — Passeia a cadela, alimenta-a, mantém-na longe de sarilhos. Já a levei ao veterinário e à tosquia. — Ele volta a olhar para ela.

Lanço-lhe um sorriso tranquilizador.

— Eu consigo dar conta de tudo.

— Ótimo. — O seu tom é incisivo.

Uau. O Sr. Mau Feitio, em pessoa. Eu engulo com dificuldade. Ele é tão mandão. Sou percorrida por um arrepio e a minha pele formiga. Aposto que também é mandão na cama.

— Porque é o teu trabalho — acrescenta.

Uma sensação de náusea sobe-me à garganta, mas eu empurro-a para baixo. Já não tenho dezasseis anos. Já sei como funciona, e conheço o género dele. Depois do Zach, sei que não me devo apaixonar por tipos como este — tipos famosos. Tipos cheios de ego. Tipos que pensam que podem fazer o que quiserem sem sofrer consequências.

Tipos que se fartam de mim e me põem de parte.

— Nos dias de jogo, durmo a sesta a seguir ao almoço — diz ele, por cima do ombro, enquanto o sigo escada acima. — Preciso de silêncio total.

Reúno toda a minha força de vontade para não fazer continência e dizer «sim, senhor!». Algo me diz que ele não iria achar graça.

— Eu levo-a a dar um longo passeio durante esse período de tempo.

Ele grunhe. É provável que seja a sua versão de alguém a chorar lágrimas de alegria.

No corredor do andar de cima, detém-se à entrada de uma porta aberta. O quarto está vazio, exceto por uma mão-cheia de caixas grandes e um colchão embrulhado em plástico.

— Este vai ser o meu quarto? — pergunto.

Ele franze o sobrolho e o meu estômago revolve-se.

— Quero dizer, este vai ser o quarto onde vou dormir quando estiveres fora? — esclareço, para que ele não pense que estou a tentar mudar-me para cá a tempo inteiro ou assim. — Quando estiver a tomar conta da cadela.

Ele cruza os braços.

— Sim.

A forma como olha para mim está a deixar o meu estômago aos saltos,

como os que a cadela deu há pouco. A minha reação nervosa é sorrir de novo e as suas rugas de expressão intensificam-se.

— Ótimo. — A minha voz é praticamente um chilrear.

Ele inclina o queixo para a casa de banho ao fundo do corredor.

— Podes usar essa casa de banho. Eu tenho a minha na *suíte*.

Os seus olhos demoram-se em mim e eu tento não me mexer debaixo do peso do seu olhar. Este tipo não gosta de mim, mas vou mudar isso assim que ele perceber como lhe posso facilitar a vida. Além disso, ele nem sequer me vai ver.

Está fora de questão perder este emprego.

Capítulo 3

Jamie

A Pippa Hartley está na minha sala de estar, a brincar com a cadela, e eu não consigo respirar. Quando abri a porta, pensei que estava a delirar.

O seu cabelo está mais comprido. O mesmo sorriso tímido, os mesmos olhos brilhantes de um cinzento-azulado que me fazem esquecer o meu próprio nome. A mesma voz suave e musical que eu me esforçava por ouvir no liceu enquanto ela falava e se ria com os outros miúdos da banda.

Mas, depois de adulta, é linda como o raio. Um arraso. Sardas no nariz e nas maçãs do rosto por causa do sol de verão e madeixas douradas no cabelo cor de caramelo que não é castanho nem louro. Embora ficasse gira com o aparelho nos dentes no liceu, o seu sorriso hoje quase me parou o coração.

«Sou a Pippa», disse ela à porta, como se não se lembrasse de mim. Não sei porque fiquei desapontado com isso.

— Queres que te ajude a desfazer as malas? — pergunta ela, a disputar a corda com a cadela. — Ou posso ir buscar-te mantimentos ou refeições pré-cozinhadas.

Observo a bonita curva da sua boca enquanto ela fala. Os seus lábios são suaves, o tom perfeito de cor-de-rosa. Sempre foram assim.

Porra.

— Não. — A palavra sai com mais aspereza do que eu pretendia, mas estou agitado.

Não consigo pensar quando estou com a Pippa Hartley. Sempre foi assim.

Num instante, a minha mente está de volta àquele corredor à porta da sala de música da escola, a ouvi-la cantar. Tinha a voz mais bonita, cativante e fascinante que eu alguma vez ouvira — doce, mas, quando atingia certas

notas, rouca. Forte, mas, em certas partes, suave. Sempre controlada. A Pippa sabia exatamente como usar a voz. Mas nunca cantava em público. Era sempre aquele estúpido do Zach que cantava, e ela acompanhava-o na guitarra.

Pergunto-me se ela ainda canta.

Pergunto-me se ela ainda estará com ele e sinto as narinas a inflamarem-se. Durante o verão, vi um cartaz com a cara dele, que dá mesmo vontade de esmurrar, e quase saí da autoestrada. *Aquele* tipo é cabeça de cartaz de uma digressão? Ele mal sabia tocar guitarra. A voz dele era mediana.

Não era como a Pippa. *Ela* tem talento.

Oito anos depois, continuo a estar sempre a pensar naquele momento no corredor. Não sei porquê — não interessa.

A cadela sacode o brinquedo enquanto a Pippa o segura, e ela ri-se.

Preciso de sair daqui.

— Tenho de ir para o treino. — Agarro nas minhas chaves sobre o balcão e coloco o meu saco ao ombro.

— Adeus — diz ela, quando atravesso a porta para sair.

Depois do treino dessa tarde, estou prestes a abrir a porta da frente quando um barulho no meu apartamento me detém com a mão na maçaneta da porta.

Alguém a cantar. Ouve-se Fleetwood Mac a tocar no meu apartamento. Por cima da música, a voz dela soa clara, brilhante e melódica. Ela domina todas as notas, mas há algo especial na maneira como canta. Algo exclusivo da Pippa.

Não consigo mexer-me. Se entrar, ela para de cantar.

Fico alarmado, porque isto é exatamente o que não devia estar a fazer. Era suposto ela ter saído antes de eu chegar a casa.

Não posso ter a Pippa por perto este ano. Só se passaram algumas horas e ela já se instalou na minha cabeça.

Quando abro a porta, a minha nova assistente está a desempacotar as caixas da cozinha, a pôr um copo na prateleira, inclinada para a frente no balcão, oferecendo-me um bom ângulo do seu traseiro incrível.

A irritação aperta-me o peito. Esta é a última coisa de que preciso.

O meu olhar percorre o apartamento. A maior parte das caixas estão desempacotadas. Ela arrumou a sala de estar e a minha fotografia com a minha mãe encontra-se na estante. Ela dispôs a mobília da sala de estar de forma diferente daquela que eu tinha no meu apartamento em Nova Iorque. A cadeira

Eames está virada para as janelas, com vista para as luzes da região norte de Vancouver, do outro lado da água. A cadela está a dormir no sofá, enrolada numa bola.

Cruzo os braços sobre o peito, sentindo um misto de alívio e confusão. O apartamento tem bom aspeto. Parece um lar. Estava com medo de desfazer as malas, mas agora está quase pronto.

Nem sequer me importo que a cadela esteja em cima da mobília.

Ela para de cantar e olha por cima do ombro.

— Oh, olá.

Ela arqueja e olha para o telemóvel em cima do balcão antes de me dirigir o olhar.

— Desculpa. Não me apercebi das horas. — Ela limpa as mãos e avança para a porta. — Como foi o treino? — pergunta, enquanto calça os ténis.

A forma doce e curiosa como faz a pergunta causa-me uma sensação estranha no peito. Quente e líquida. Não estou a gostar. Tenho a estranha vontade de lhe falar do meu nervosismo em relação a esta época.

— Foi bom — digo eu, e ela arregala os olhos perante o meu tom incisivo. Porra. Estão a ver? É por isso que isto não vai resultar. Preocupo-me demasiado com o que ela pensa.

— A *Daisy* e eu fomos dar um passeio de duas horas por Stanley Park, e depois passei a maior parte da tarde a ensinar-lhe uns truques.

Junto as sobancelhas.

— *Daisy*?

Ela encolhe os ombros, sorrindo para o animal no sofá.

— Ela precisa de um nome. — Pega na mala. — Levei-a à rua há uma hora, por isso não precisas de o fazer.

Tento dizer algo como «obrigado», mas da minha garganta sai apenas um ruído baixo de reconhecimento.

Ela passa a mão delicada pelo rabo de cavalo, pestaneja duas vezes e faz-me aquele sorriso radiante de antes, aquele em que pensei durante todo o treino.

As suas bochechas estão a ficar rosadas e ela parece envergonhada.

— Vou deixar-te em paz. — Ela passa a alça da mala pelo ombro e faz-me outro sorriso rápido e tímido. — Estarei aqui amanhã de manhã, depois de saíres para o treino. Boa-noite, Jamie.

O meu olhar desce para os seus lindos lábios e fico com a língua presa. Ela deve achar que eu já levei com o disco na cabeça demasiadas vezes.

Ela sai e eu fico ali, a olhar para a porta.

Se calhar não tenho mesmo de...

Esmago o pensamento, como se estivesse a dar uma palmada num mosquito no meu braço. A Pippa tem de se ir embora. Por causa da minha mãe e do único relacionamento que tentei manter no meu primeiro ano na NHL, sei que, se houver muitas bolas no ar, vou deixar cair alguma. Deixo sempre.

Assim que ela sai, pego no telemóvel e ligo ao Ward.

— Streicher — responde ele.

— Treinador. — Passo a mão pelo cabelo. — Preciso de um novo assistente.

Capítulo 4

Pippa

— *E*stão a despedir-me? — repito para o telemóvel na manhã seguinte, pestanejando para o nada. Estou à porta da casa da Hazel, a calçar os sapatos para ir para casa do Jamie. A minha mente está a andar às voltas e tenho a testa franzida de confusão. — Não entendo.

A mulher no gabinete da equipa suspira.

— Não leves isso a peito. Estes tipos podem ser bastante esquisitos.

O meu estômago afunda-se. Despedida ao fim de um dia. Não vai cair nada bem quando me candidatar à vaga de *marketing* da equipa.

Pensei mesmo que tinha arrasado, ontem. Desempacotei a maior parte das coisas dele e a *Daisy* já estava bastante cansada quando ele chegou a casa. Até foi divertido passear com ela e pôr música no apartamento enquanto ela me seguia para toda a parte.

O pânico começa a invadir os meus pensamentos. Que merda. Preciso de dinheiro *agora*. Preciso de sair do estúdio minúsculo da Hazel. Não posso voltar para o *Hot Dog Hut* — engasgo-me só de me lembrar da maneira assustadora como o proprietário olhava para mim. Sem mencionar o cheiro com que ficava depois de cada turno.

Despedida. Os meus pais vão-se passar. Depois de desperdiçar a minha vida a seguir o Zach em digressão durante dois anos, eles querem desesperadamente que eu tenha uma carreira em *Marketing* — a minha área de estudo. Estão obcecados com o facto de eu ter um emprego estável e consistente. Um emprego de secretária. Algo com benefícios. Algo *fora* da indústria musical. Eles trabalharam muito para pagar a minha educação. Os meus pais não são ricos nem nada do género, e sacrificaram-se muito para que eu e a Hazel tivéssemos o que eles não puderam ter.

Quero que se orgulhem de mim.

Agradeço à mulher, desligo o telefone e fico a olhar para o chão. A realidade atinge-me e os meus ombros descaem. Isto é uma porcaria.

Ao meu lado, a porta abre-se e acerta-me. Tento desviar-me do caminho, mas tropeço numa das caixas de mudança e caio de rabo no chão.

— Desculpa! — A Hazel arregala os olhos enquanto me ajuda a levantar.
— Estás bem?

Esfrego o braço, com uma careta.

— Eu estou bem. Não devia estar parada à frente da porta.

O apartamento dela é um estúdio minúsculo porque Vancouver é uma cidade muito cara. É por isso que preciso deste emprego se quero mudar-me.

— Como é que correu ontem? — Ela dirige-se para o canto onde está a cozinha e escolhe ingredientes para batidos.

Quando cheguei a casa ontem à noite, ela estava a dar uma aula de ioga. Além de trabalhar como fisioterapeuta para a equipa, ensinar ioga é a verdadeira paixão da Hazel. Hoje, teve uma aula de manhã cedo, antes do trabalho.

Conto-lhe as notícias decepcionantes que acabei de receber e ela fica de queixo caído.

— E nem sequer disseram porquê?

— Não. — Sinto uma pontada de raiva a espetar-me as costelas, e o meu estômago retesa-se. — No entanto, ele foi um autêntico idiota. Mal me dirigiu duas palavras o tempo todo. Limitou-se a lançar-me olhares fulminantes e carrancudos. — Estreito os olhos e grunho.

A Hazel levanta uma sobrancelha escura. O cabelo dela é mais escuro do que o meu, um castanho-chocolate que contrasta com o meu louro deslavado.

— Achas que ele se lembra de ti?

— Não. De forma nenhuma. — Descalço os sapatos e ponho-os no armário da entrada. — Ele nem sequer se apresentou.

Ela faz-me uma careta a partir da área da cozinha.

— Mal-educado.

— Não é? — Abano a cabeça e deixo-me cair no sofá. — Tão rude. Eu sei que ele é uma celebridade rica e atraente, mas eu continuo a ser uma pessoa, sabes?

— Sem dúvida. — A Hazel está a acenar com veemência, com o rabo de cavalo a balançar. — Tu és uma pessoa. Mereces respeito.

— Respeito? — disparo. — Ele não conhece essa palavra. Ele tratou-me como se eu fosse uma pulga que estava melhor no lixo.

A Hazel cerra os dentes.

— Eu odeio-o. Jogadores de hóquei. — Estreita os olhos. — São os piores. A Hazel namorou com um jogador de hóquei na universidade, mas ele traiu-a. Foi um grande filme. Não menciono essa história.

— Os piores — faço eco, cruzando os braços sobre o peito. O meu pé bate no chão num ritmo *staccato*, e formam-se nós no meu estômago. Ontem estive muito bem e sou perfeita para este emprego.

Depois do Zach, a minha confiança foi afetada, e agora isto? Bela maneira de rebaixar uma rapariga quando ela já está em baixo.

A minha mente viaja até há cerca de um mês, quando me encontrei no aeroporto à espera do voo de regresso a casa. A *manager* da digressão tinha-me chamado um *Uber*, que eu pensava que iria levar-me ao ponto de encontro do autocarro da digressão para que todos pudéssemos viajar para a localização seguinte. Em vez disso, foi para o aeroporto e, quando comecei a telefonar às pessoas, confusa, ninguém atendeu.

Por fim, o Zach ligou-me de volta.

— Ah, merda — disse ele. — Ela já te mandou para o aeroporto? Eu ia falar contigo primeiro.

Ele acabou comigo por telefone. Disse que agora éramos pessoas diferentes, que já não éramos adolescentes e que queria ver quem era sem mim. Namorámos durante oito anos, desde o décimo ano, e ele pôs a empregada dele a dispensar-me.

Quando lhe sugeriram a digressão no nosso último ano da universidade, ele arranjou maneira de eu trabalhar nela, ajudando o coordenador da digressão para que não tivéssemos uma relação à distância. Quando ficava bloqueado nalguma canção, juntávamo-nos para a trabalhar, eu na minha guitarra, a ajudá-lo com a letra. Pus toda a minha vida em suspenso para o seguir enquanto ele vivia os seus sonhos.

Sinto o rosto arder ao pensar em como chorei na casa de banho do aeroporto, a sentir-me perdida e sozinha. Indesejada, como um saco de lixo à beira da estrada.

Tipos como o Zach e o Jamie? Acham que o mundo gira à volta deles. Acham que podem livrar-se das pessoas depois de perderem o interesse. A vergonha surge-me no estômago, e é imediatamente seguida de fúria.

Estou tão farta de ser aquela rapariga, aquela que todos descartam.

Sento-me direita, a sentir-me motivada.

— Vou confrontá-lo.

— Hum. — A Hazel arregala os olhos, as mãos pousadas no liquidificador. — Não acho que seja boa ideia.

A minha pulsação acelera com a ideia de desancar o Jamie Streicher. Estou farta de ser pisada por homens.

— Estás sempre a repetir que tenho de dizer o que quero ao universo — digo à Hazel.

— Sim, ao *universo*. Não a ele. Provavelmente, ele vai só chamar a polícia.

— Ele não vai chamar a polícia. — Imagino-o a expulsar-me fisicamente de casa, a atirar-me por cima do ombro. Uma pontada estranha atinge-me entre as pernas. Oh. Gosto dessa ideia.

Não importa. Não é essa a questão. Ele é o rei dos parvalhões, mas eu preciso deste trabalho.

A Hazel solta uma gargalhada.

— É assim que se acaba na primeira página do jornal. *Estrela do hóquei local abordada por uma perseguidora tresloucada*.

— Não vou persegui-lo. Vou recuperar o meu emprego.

Talvez ela tenha razão e a melhor abordagem não seja entrar a pés juntos. Ela volta-se para o balcão para fazer o seu *smoothie* e, quando abre o armário, vejo a forma de queques que usei na semana passada.

Ocorre-me uma ideia. A Hazel tem razão — se eu aparecer e exigir o meu emprego de volta, ele vai pensar que sou uma psicopata.

Mas, se eu aparecer com *queques*, estarei apenas a reforçar que seria uma ótima assistente. Ninguém chama a polícia por causa de alguém que se apresenta com queques.

Quando conto o meu plano à Hazel, ela ri-se.

— Vou deixar o telemóvel ligado para o caso de ter de te pagar a fiança.

Duas horas mais tarde, os queques arrefeceram e estão decorados. Por fora, estão perfeitamente cobertos de glacé e de granulado colorido e alegre. Contudo, estes queques estão cheios da minha raiva. Dei uma bela tarefa à massa enquanto os fazia, despejando nela toda a minha frustração por causa do Zach e do Jamie, e da minha situação ingrata.

Pelo horário que o Jamie me deu, sei que ele estará em casa dentro de dez minutos, por isso arrumo os queques num recipiente e preparo-me para sair.

A Hazel sorri-me enquanto calço os sapatos.

— Vai-te a eles, tigresa.

No caminho para o apartamento do Jamie, começa a chover. Esqueci-me que o tempo em Vancouver pode mudar num instante, por isso não trouxe o meu casaco com capuz. Num semáforo, mordisco o lábio, perguntando-me se devo voltar atrás para ir buscar o outro casaco.

Não. Já estou a sentir a hesitação no estômago. Se voltar atrás, não vou avançar com isto.

*Preciso deste emprego. Preciso do dinheiro. Preciso de dar espaço à Hazel no apartamento, e preciso de um elo com a equipa para conseguir a vaga de *marketing* e seguir com a minha vida. Vai mesmo acontecer.*

Vou recuperar o meu emprego.

Capítulo 5

Jamie

Estou a tentar dormir a sesta, mas não consigo parar de pensar na minha linda assistente.
Ex-assistente.

Merda. Olho para as janelas do quarto, onde a chuva condiz com o meu estado de espírito. Passei o dia todo a pensar nela. Porque é que isso me interessa? Ela vai ser contratada por outra pessoa num instante.

Tenho um sentimento desagradável no peito. Detesto a ideia de ela estar a montar o apartamento de outro tipo, a sorrir-lhe e a cantar na sua cozinha.

Batem à minha porta e eu franzo o sobrolho. Não estava à espera de ninguém. Quando chego à porta, a *Daisy* já lá está, a cheirá-la por baixo e a abanar a cauda.

Abro e congelo.

O rímel escorre pela cara da Pippa. Ela esteve a chorar? A dor abala-me o peito, mas os seus olhos estão luminosos e o cabelo ensopado, a franja colada à testa, e sinto um alívio nos músculos do peito. Ao ver-me, ela endireita-se, com as narinas dilatadas. No fundo da minha mente, reparo em como isso é fofo.

— Olá — diz ela, e a coluna longa da sua garganta move-se. Ela pestaneja.

Está nervosa. Está a segurar um recipiente de plástico. Há queques lá dentro.

Volto a franzir o sobrolho.

— Como é que subiste até aqui? — Ela precisa de uma chave ou que lhe abram a porta.

Ela afasta a pergunta com um gesto.

— Os tipos de ontem lembraram-se de mim, e eu dei-lhes queques.

Claro que a deixaram subir. Esta mulher era capaz de convencer um

polícia a entregar-lhe a arma. Bastava-lhe sorrir e sacudir o rabo de cavalo e ele diria: «Também queres as balas?» Sinto uma pressão estranha e esquisita no peito e, pela primeira vez em muito tempo, tenho vontade de sorrir.

Ela empurra o recipiente para as minhas mãos.

— Isto é para ti.

Levanto as sobancelhas, olhando para os queques através da tampa de plástico transparente.

— Não como um queque há mais de uma década.

Ela abre muito os olhos.

— O quê? Isso é mesmo triste. — Ela repara no seu reflexo no espelho atrás de mim, que deve ter pendurado ontem. — Oh, meu Deus. — Passa um dedo por baixo do olho para limpar a maquilhagem. — É este o meu aspeto? Credo.

Ela *sabe* que eu a despedi, certo?

Ela vira-se para mim e respira fundo.

— Fiz um bom trabalho ontem.

Eu hesito. Ela não está enganada.

— Não. — Tem as faces coradas. — Um ótimo trabalho. Consigo lidar com tudo o que me pedires, sem problema. E nem sequer te apresentaste. — A boca dela aperta-se. — Quem pensas que és, o Ryan Gosling? Que podes simplesmente despedir-me, como um sacana?

Eu conheço o Ryan Gosling. Conheci-o numa festa da NHL a que a equipa teve de ir, no ano passado. É um tipo porreiro. Muito mais simpático do que eu.

É esse o género dela? O meu maxilar fica tenso. Não gosto dessa ideia.

— Sacana — repito.

— Desculpa. — Ela faz uma careta. — Eu sou uma pessoa, sabes? Mereço ser tratada com respeito.

Ela junta as sobancelhas e pestaneja rapidamente; parece um cachorrinho que levou um pontapé. Oh, merda. O meu coração aperta-se. Odeio esta sensação. Odeio que ela se sintasse assim, e odeio especialmente saber que fui eu que o causei.

Ela tem razão. Fui um parvalhão ontem. Mas não foi intencional. Não sei como ser normal perto dela. Ela apareceu aqui a parecer uma princesa da Disney, e eu mal consegui dizer-lhe duas palavras.

A Pippa aponta para a *Daisy*, que está à espera aos seus pés, a olhá-la com adoração.

— Eu dou-me muito bem com a *Daisy*. Peço desculpa por ainda estar aqui ontem à noite. Perdi a noção do tempo, e isso não vai voltar a acontecer.

Prometo que nunca mais terás de me ver. — A voz dela vacila. — Farei o que for preciso para ter o meu emprego de volta.

O ar enche-se de tensão, e ambos olhamos um para o outro. Será que ela...? Na minha cabeça, surgem imagens de nós enroscados na cama. Ela está por baixo de mim, com a cabeça atirada para trás, os olhos fechados, com uma expressão de prazer no rosto enquanto a penetro.

Vou ficar a pensar nisso mais tarde, com a mão à volta do pénis, e odeio-me por isso.

— Não foi isso que eu quis dizer — diz ela rapidamente, com as bochechas a ficarem ainda mais rosadas. — Soou um bocado estranho. Só queria dizer que preciso mesmo deste emprego, por isso, o que quer que eu tenha feito que te tenha levado a pensar que não sou a pessoa mais indicada, por favor, diz-me.

Não há maneira de lhe dizer a verdade — que ela é a rapariga por quem estive obcecado durante dois anos no liceu. E tudo o que ela disse? Ela tem razão. Gosto da forma como dispôs tudo no meu apartamento. Ela cansou a *Daisy* ontem, mais do que eu teria conseguido. Já deu para perceber que este cão precisa de muito estímulo mental e exercício físico. No fundo, confio-lhe a cadela sem reservas.

Devia deixar a equipa encontrar-me outro assistente. Os problemas da Pippa não são meus. Já tenho problemas suficientes.

Tal como no abrigo, com a *Daisy*, ignoro essa hesitação. A forma como a Pippa está a olhar para mim agora, com um misto de determinação e preocupação, com a cabeça erguida daquela maneira? Atinge-me mesmo no meio do peito.

Fico a olhar para ela, estudando o seu rosto. Apesar de parecer um rato afogado, os seus olhos ainda brilham. As suas bochechas estão coradas, tão cheias de vida e de entusiasmo, e sinto o peito estranho, como se estivesse com azia.

Levanto uma sobrancelha.

— Chamas-me sacana e depois pedes o emprego de volta?

Ela remexe-se, estremeendo.

— Sim, é isso. — Ela pressiona os lábios, olhando para mim com uma expressão de culpa, e a determinação nos seus olhos atinge-me um músculo do peito. — Desculpa.

Gosto desta rapariga. Ela é corajosa. Foi preciso muita coragem para ela aparecer e chamar-me sacana. Ninguém fala comigo assim.

Não a posso lixar desta maneira. Vou encontrar uma forma de me

concentrar este ano. Encontro sempre. Tive anos para praticar a disciplina. Este ano, vou ter de praticar mais.

Não posso despedi-la, mas posso mantê-la à distância.

Cruzo os braços sobre o peito, e oscilo sobre os meus pés enquanto me apoio na ombreira da porta. Sinto a nuca quente.

— Está bem.

Ela anima-se e, por um momento, fico aterrorizado com a possibilidade de ela me abraçar.

— A sério?

Aterrorizada ou excitada. Não sei.

— Não tragas nada teu para aqui — acrescento, rapidamente.

Ela bate palmas, o que assusta a *Daisy*, que começa a ziguezaguear pelo apartamento. A Pippa sorri-me; um sorriso que se expande pelo seu rosto, e eu sinto que estou prestes a adoecer.

— Obrigada. — Ela aperta as mãos. — Eu juro, vou ser incrível.

Esse não é o problema.

— Tenho treino — digo-lhe eu. É só daqui a uma hora, mas não vou ficar sentado no apartamento, a olhar para ela.

Ela já está a tirar o casaco.

— Não há problema. Tenho tudo controlado por aqui. Precisas que eu vá às compras?

Calço os sapatos e hesito. Preciso mesmo de ir às compras.

Perante a minha expressão, ela acena com a cabeça.

— Eu vou lá. O que gostas de comer?

— Uh. — A nutricionista da equipa tem planos de refeições detalhados para cada jogador, mas não quero depender mais do que o necessário da Pippa. — Não sei. Coisas.

Ela acena com a cabeça, a sorrir.

— Ótimo. Percebo perfeitamente.

Abro a porta. Preciso de sair daqui.

— Espera — diz ela, entregando-me os queques. — Leva-os contigo. Podes dá-los à equipa ou assim.

Lanço-lhe um olhar estranho. Se eu aparecer com queques, nunca mais vão parar de falar nisso. Mesmo assim, levo-os. Não posso voltar a ver aquele olhar de desilusão na cara dela.

Na rua, abro o recipiente e enfio um na boca. Reviro os olhos quando o açúcar toca na minha língua e quase gemo em êxtase.

É a melhor coisa que alguma vez provei.